

PORTUGUESE B – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Monday 17 May 2004 (morning)
Lundi 17 mai 2004 (matin)
Lunes 17 de mayo de 2004 (mañana)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1.
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la Prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

TEXTO A

O VERDE

❶ Estranha é a cabeça das pessoas.

❷ Uma vez, em São Paulo, morei numa rua que era dominada por uma árvore incrível. Na época de floração, ela enchia a calçada de cores. Para usar um lugar comum, ficava sobre o passeio um verdadeiro tapete de flores; esquecíamos o cinza que nos envolvia e vinha do asfalto, do concreto, do cimento, os elementos característicos desta cidade. Percebi certo dia que a árvore começava a morrer. Secava lentamente, até que amanheceu inerte, sem uma folha. É um ciclo, ela renascerá, comentávamos no bar ou na padaria. Não voltou. Pedi ao Instituto Botânico que analisasse a árvore, e o técnico concluiu: fora envenenada. Surpresos, nós, os moradores da rua, que tínhamos na árvore um verdadeiro símbolo, começamos a nos lembrar de uma vizinha de meia-idade que todas as manhãs estava ao pé da árvore com um regador. Cheios de suspeitas, fomos até ela, indagamos, e ela respondeu com calma, os olhos brilhando, agressivos e irritados:

❸ - Matei mesmo essa maldita árvore.

❹ - Por quê?

❺ - Porque na época da flor ela sujava minha calçada, eu vivia varrendo essas flores desgraçadas.

TEXTO B

O SONHO DE VOAR

1 ① Uma noite tive um sonho maravilhoso: sonhei que sabia voar. Bastava movimentar os braços, mãos apertadas ao lado do corpo fazendo círculos no ar, e eu descolava do chão como um passarinho, saía voando por cima das casas e pelos campos sem fim.

5 ② Durante vários dias aquele sonho não me saiu da cabeça.

10 ③ Acabei sismando que poderia torná-lo realidade. Ia para o fundo do quintal e, longe da vista dos outros, ficava horas seguidas ensaiando o meu vôo. Mexia com as mãos, sem parar, como fizera no sonho, e nada. Eu sabia que não era uma questão de força, mas de conseguir estabelecer, com o movimento harmonioso das mãos, um misterioso equilíbrio entre o meu peso e o peso do ar. Como se estivesse dentro d'água e quisesse me manter à tona: qualquer gesto mais forte ou afobado e eu afundava.

15 ④ Pois um dia, depois de muito treino, senti que começava a ficar mas leve. Ou era só impressão? Tinha passado a fazer aqueles exercícios de calção de banho, justamente para sentir que, sem a roupa, meu peso era menor. E naquele instante parecia que eu estava quase flutuando no ar. Experimentei dar passos, bem de mansinho, como se estivesse andando em cima d'água. E a sensação foi de mal estar tocando o chão. Descalço, já não sentia na sola dos pés o contato áspero da terra do quintal.

20 ⑤ Por vários dias repeti a experiência. Ao fim, já sabia instintivamente os movimentos que tinha de fazer para começar a flutuar; como alguém que tivesse aprendido a nadar. Um ligeiro impulso com os braços, bem devagar, levantando os cotovelos, me fazia deslizar mansamente, como se estivesse usando patins invisíveis. Apenas não tinha força suficiente para ganhar altura, e toda vez que eu me impacientava e fazia um movimento mais rápido, sentia meu corpo de súbito contra o solo.

25 ⑥ Com prática, acabei conseguindo me erguer um ou dois palmos e sair deslizando pelo quintal durante algum tempo. Mas era pouco. Assim de pé, não podia dizer que estivesse voando. Eu percebia que só deitado, braços abertos como as asas de um pássaro, é que chegaria a voar de verdade. Mas quando experimentava me deitar e movimentar os braços como fazia de pé, sentia que jamais sairia do chão. Era como querer nadar no fundo de uma piscina sem água.

30 ⑦ Acabei me convencendo de que, para sair voando, eu teria de já estar no ar.

TEXTO C

ANGRA E PARATY

Poucos roteiros de viagem de lazer conseguem conciliar isolamento, aventura, história, mar e floresta em um mesmo destino. Mas a três horas de carro do Rio de Janeiro, todas essas características se combinam em duas das cidades litorâneas mais encantadoras do país: Paraty e Angra dos Reis.

Considerados pequenos paraísos para os próprios cariocas, que as procuram para o fim de semana ou para as férias, as duas cidades têm histórias e características semelhantes: são pequenas, acolhedoras e, por serem quase tão antigas quanto o Brasil, são acervos culturais de nível mundial. Mas o espetáculo da natureza, principalmente o relevo acidentado que se precipita sobre um mar sempre azul, e as praias maravilhosas de águas cristalinas, são o maior encanto das duas cidades.

Nomeada pela UNESCO como um dos Patrimônios Mundiais, Paraty exala história por suas casas e calçadas, sendo fotografada e filmada por turistas nacionais e internacionais. O antigo porto que escoou o ouro das Minas Gerais, e o açúcar dos grandes engenhos que cercavam a cidade, preserva na arquitetura a sua identidade colonial. Pelo calçamento original de pedra (desaconselhados os sapatos de salto alto!), proibido ao tráfego de veículos, circula-se a pé pelo casario e pelos prédios históricos, que abrigam residências e algumas das dezenas de pousadas que recebem os turistas na região.

Nessas pousadas, você pode contratar passeios de barco completos pelas ilhas próximas, muitas ainda virgens com refeições em locais rústicos ou sofisticados que servem especialidades à base de frutos do mar frescos. Para os que praticam mergulho ou admiram a fauna marinha, certos passeios contam com a companhia de golfinhos e, dependendo da época, até de pequenas baleias. Infelizmente o equipamento é escasso na região e é aconselhável trazer máscara e pé de pato, indispensáveis para o mergulho.

Dentre as duas cidades, a mais cosmopolita é Angra dos Reis. Por ser o destino preferido da alta sociedade carioca* nos fins de semana, a cidade e as mais de trezentas ilhas da sua redondeza têm uma estrutura requintada que conta com marinas, restaurantes de grife do Rio de Janeiro e até boates badaladas, frequentadas por gente famosa e elegante, que mantêm a cidade acesa 24 horas por dia na alta temporada ou nos feriados prolongados. Tal como em Paraty, dezenas de barcos pequenos ou médios, traineiras humildes ou escunas modernas vendem roteiros diversos pelas ilhas, onde mansões milionárias dividem o espaço com restos de prédios públicos e igrejas que testemunharam a jornada histórica da região.

* carioca: nativo do Rio